



ORIENTE-OCIDENTE:
HISTÓRIAS DO TECER







ORIENTE-OCIDENTE: HISTÓRIAS DO TECER

Alexandre Heberte
Alex Rocca
Dorian Gray Caldas
Iberê Camargo
Jean Gillon
Juliana Vasconcelos
Luiza Caldari
Madeleine Colaço
Manabu Mabe
Naia Ceschin
Norberto Nicola
Paola Müller – Michell Lott
Regina Gomide-Graz
Rodrigo Ohtake
Tomie Ohtake
Tecelões da Ásia e Europa

curadoria

Ana Carolina Ralston

*de 9 de novembro de 2021
a 3 de janeiro de 2022*

GALERIA DE ARTE ANDRÉ



Falar sobre a arte da tecelagem nos remonta à história da própria humanidade, tempo em que habitamos a Terra, em cíclicas e infinitas evoluções e revoluções. Vemos em tais tramas a dualidade do tempo, em um equilíbrio dinâmico, mas também controverso de uma técnica ancestral que tinha como função questões tão dispares como acústicas, térmicas, estéticas e até religiosas. Obras que recontam a trajetória do homem, mas foram produzidas não com os metais duradouros da era medieval, que ansiavam pela eternidade, mas com materiais efêmeros e perecíveis, como as fibras naturais, que se desgastam e retomam suas narrativas com o decorrer de suas vidas.

A simbologia do tecer perpassa de mitologias a teorias contemporâneas, como a da própria Penélope, da Odisseia de Homero (928 a.C. – 898 a.C.), na Grécia Antiga, que trança um sudário durante o dia e o desfaz noite adentro, metaforizando a espera e a fidelidade feminina. Essa produção artístico-artesanal segue pela literatura e filosofia moderna, entre tantos outros por Theodor Adorno (1903-1969), que nos traz em suas alegorias repetidas vezes a imagem de um tapete, na qual pontos, ou nós, constituem os vários pensamentos entrelaçados que formam um novo conto.

É sobre o tempo e as diferentes formas de entrepor fios durante a história da raça humana que se trata a exposição *Oriente-Occidente: histórias do tecer*, em cartaz na Galeria de Arte André, em São Paulo. Foram reunidas no espaço desde tecidos feitos por tribos nômades, provenientes da Ásia Central, até obras de jovens artistas contemporâneos, que enxergaram no ato de produzir tais tramas uma forma de expressar suas inquietudes atuais, usando não só os já explorados materiais de então como novas tecnologias para a fabricação de matérias-primas inovadoras.

A teia de fios segue sua vocação e cria no espaço da Galeria de Arte André um elo entre passado e presente, percorrendo de forma pouco pragmática o mundo persa, com intercorrências

belgas e francesas, mais especificamente de produções das regiões de Flandres e Aubusson, aos principais nomes do modernismo, que iniciaram a redescoberta do público por tal gênero. É possível, desta forma, encontrar lado a lado criações orientais antigas, como o Hathily, do Afeganistão, com nítida influência de tribos curdas e turcomanas, e ocidentais do século XX, tecidas muitas vezes a partir de pinturas. Tapeçarias fluídas ou de temas orgânicos complementam as produzidas por artistas contemporâneos que jogam até com as distintas possibilidades de alturas dos pelos – e pensam a tinta como sendo o próprio fio.

Se o pensamento, como ressaltou Theodor Adorno, pode ser tramado como tapeçarias, que nosso entendimento da trajetória humana consiga, por um lapso de tempo, tecer um caminho eloquente nesta mostra, para que o espectador se sinta livre para fruir pelos diferentes tempos que são compostos esses tapetes e tapeçarias.

ANA CAROLINA RALSTON

Curadora

É curadora independente de artes e jornalista cultural. Organiza e realiza textos e projetos para galerias e instituições, entre elas a Biblioteca Mario de Andrade, o Centro Cultural Correios e a Praça das Artes. Em 2021, curou, entre outras exposições, a mostra Arte e Tecnologia: uma revolução em curso, que esteve em cartaz na SP-Arte e no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Foi curadora adjunta do museu FAMA, em Itu/SP, entre 2018 e 2020, onde assinou exposições de Louise Bourgeois e Tracey Emin, além de relações com a obra de Arthur Bispo do Rosário e artistas contemporâneos. Também foi diretora artística da Galeria Kogan Amaro, com unidades em São Paulo e Zurique, onde apresentou dezenas de exposições, além de criar o núcleo de jovens artistas. Como jornalista, assina hoje como redatora-chefe da revista Moda, publicação mensal que acompanha o jornal O Estado de S. Paulo, sobre moda e cultura. Já foi também editora sênior de cultura e lifestyle da Vogue Brasil, entre 2013 e 2018, e assinou as edições de 2019 da Harper's Bazaar Art. Fez mestrado em jornalismo cultural pela Columbia New York University na Espanha e pós-graduação em arte, crítica e curadoria na PUC-SP. Suas atuais pesquisas abarcam as áreas de arte e natureza, na qual desenvolve um programa expositivo junto à Escola de Botânica de São Paulo, e tecnologia relacionada à arte contemporânea.







MANABU MABE

Pintor, desenhista, gravador e tapeceiro, o abstracionista Manabu Mabe (1924-1997) nasceu no Japão, mas radicou-se no Brasil onde se consagrou como um dos grandes artistas do século 20. A arte produzida com fios segue a linguagem autoral e subjetiva do artista que enfatizava o gesto e o movimento em sua produção. As grandes massas etéreas, com as quais trabalhou durante toda a sua carreira, adquirem um aspecto de solidez na tapeçaria. Suas obras participaram de importantes exposições do Brasil, entre elas a 1ª e a 5ª Bienal de São Paulo, nesta última laureado como Melhor Pintor Nacional.



ALEX ROCCA

Artista e designer têxtil, o curitibano nascido em 1982 inspira-se na beleza do seu entorno, da natureza à arquitetura, para criar as poéticas tapeçarias. Atento a texturas, cores e padrões, cria obras artesanalmente usando de matérias-primas naturais, como lã, até as mais variadas fibras sintéticas. O cinema e o design de interiores, dois pilares de sua formação, aparecem forte em suas obras, assim como a direção de arte e a cenografia, profissões que atuou durante a trajetória. Suas tapeçarias mostram a diversidade que o artista encontra no estudo de cores e volumes inusitados criados por diferentes alturas do material.



Kazack – Caucasus, 282 × 256 cm





MADELEINE COLAÇO

Uma das mulheres mais relevantes da tapeçaria brasileira, Madeleine Colaço (1907-2001) estudou a arte das tramas no Marrocos, na França, na Inglaterra e em Portugal, seguindo uma tradição familiar que remontava ao seu bisavô, que era tapeceiro em Lyon, na França. Seus temas preferidos eram a fauna e a flora brasileiras, que trabalhava em seda, lã, algodão e fios metálicos, estes últimos trazendo certo brilho às suas produções. Figurativa e poética, Colaço foi a criadora do chamado “ponto brasileiro”, uma nova maneira de bordar, trabalhando ao acaso em todas as direções e fugindo de um desenho rígido – tal ponto foi registrado com este nome no Centre International de la Tapisserie, em Lausanne, na Suíça.







RODRIGO OHTAKE

Formado na FAU/USP em 2009, com um período de estudos na Politécnica de Milão, Rodrigo Ohtake transita com facilidade entre cores e formas livres, atuando no mercado como arquiteto e designer. Hoje, está à frente do escritório do pai, Ruy Ohtake, assinando projetos no Brasil e no exterior. Apesar de ter a arquitetura como principal meio de expressão, tendo assinado a assistência curatorial do Pavilhão do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2014, foi no design e na produção tapeceira que Rodrigo encontrou a verdadeira liberdade criativa. Em tais áreas, criou móveis, tecelagens para parede e piso, entre elas a composição orgânica que compõe a mostra na Galeria de Arte André.



NORBERTO NICOLA

O paulistano trouxe uma abordagem inédita à tapeçaria no Brasil. Grande pesquisador, Nicola (1930-2007) dedicou-se ao aprimoramento das técnicas do tecer, incorporando-a definitivamente ao seu trabalho artístico. Dessa forma, criou verdadeiras situações têxteis, nas quais as estruturas tecidas formam interessantes instalações. Chamados de objetos-tapetes, sua obra mudou o olhar do público e do próprio mercado para o gênero. São trabalhos engenhosos que atraem o olhar pela sua complexidade e grandiosidade.



Tapeçaria Flamenga (atelier dos Flandres), tema mitológico da série *Metamorfoses de Ovidio*, 450 x 308 cm, séc. XVII



DORIAN GRAY CALDAS

Nascido em Natal, no Rio Grande do Norte, Gray Caldas (1930-2017) possui na cor e na narrativa naïf suas grandes características como tecelão. Foi diretor do Teatro Alberto Maranhão e também ganhou reconhecimento como ensaísta. Seu traço figurativo e genuíno retrata o Brasil de forma simples e verdadeira, exibindo com graça o cotidiano nas cidades pequenas do nordeste do país. Como pintor e desenhista, pode exibir suas obras em diferentes instituições e galerias brasileiras, como o MAC Olinda, o Salão Nobre do Palácio do Governo e o Salão de Arte Moderna do Ceará.





LUIZA CALDARI

Paulista que mora no sul do Brasil, a designer nascida em 1988 encontrou na tapeçaria uma forma prazerosa de se comunicar com o mundo. Cria obras orgânicas e coloridas, que mostram a pluralidade da matéria-prima que escolheu como protagonista de sua obra, a lã. Formada em moda na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, já contribuiu com criações para grandes marcas brasileiras, tais como Carlos Miele, Cris Barros e mais recentemente Colcci. Hoje, seu olhar está dedicado à criação de produtos únicos, com propósito e intenção de abraçar os olhos de quem os vê. Adepta do *slow design*, Caldari busca estar alinhada com o tempo e o significado que deseja imprimir em seu trabalho.

Luiza Caldari, Coral, 145 × 200 cm, 2021

Na página ao lado, em primeiro plano, Murez – Romênia, 299 × 464 cm
(detalhe desta tapeçaria figura na capa deste catálogo)



Luiza Caldari, Verão, 170 x 110 cm, 2017



Kuba Shirvan – Caucasus, 128 × 185 cm
Chinês de seda – China, 186 × 277 cm

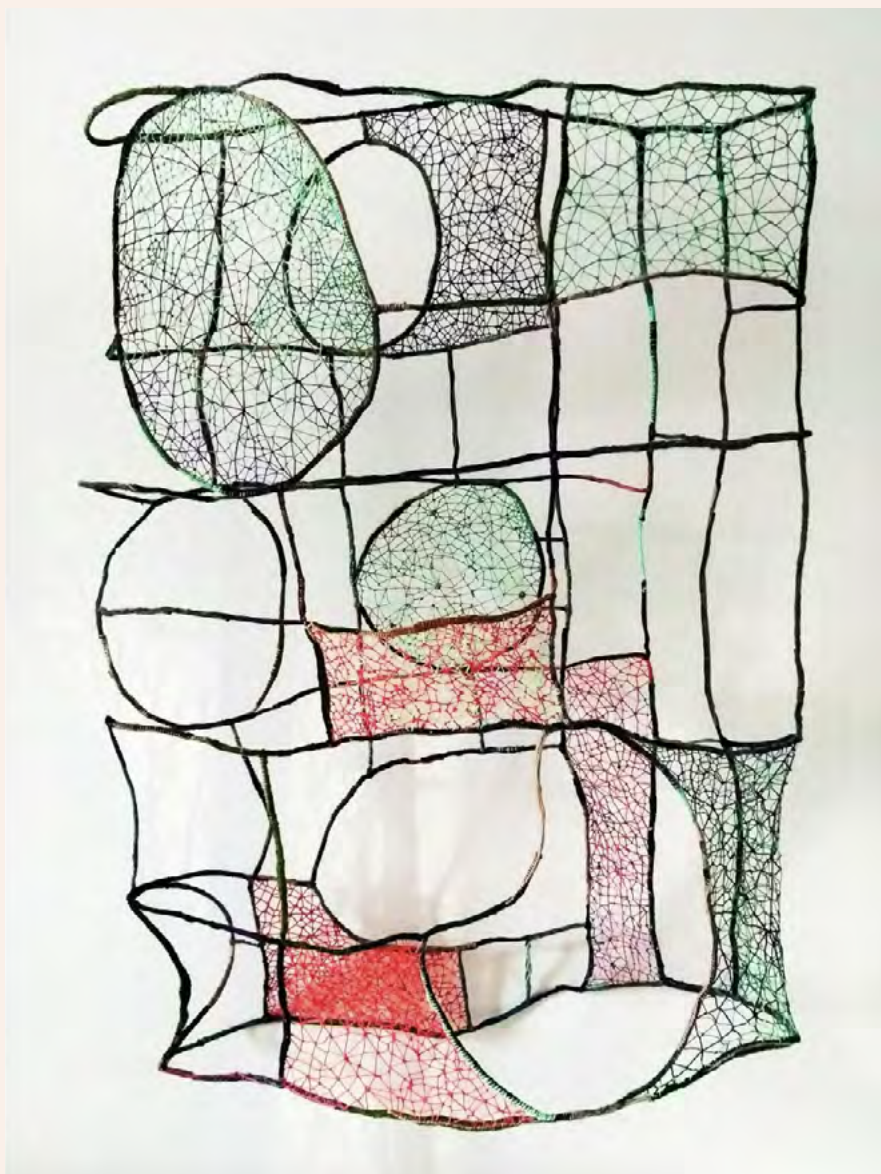




NAIA CESCHIN

Designer gráfica e ilustradora paulistana, nascida em 1987, Naia Ceschin trabalha em diferentes suportes, principalmente com pintura, design gráfico e tapeçaria. Suas composições são vibrantes e colocam a textura e o volume como protagonistas, assim como a mistura de materiais. A flora e a fauna são elementos fundamentais na obra da artista, que trabalha em definitivos traços que constata sua composição geométrico-abstrata produzida também em matérias orgânicas, como folhas secas. O gosto pela tapeçaria pode-se dizer que foi herdado da avó, que chegou a produzir todas as peças de sua casa.





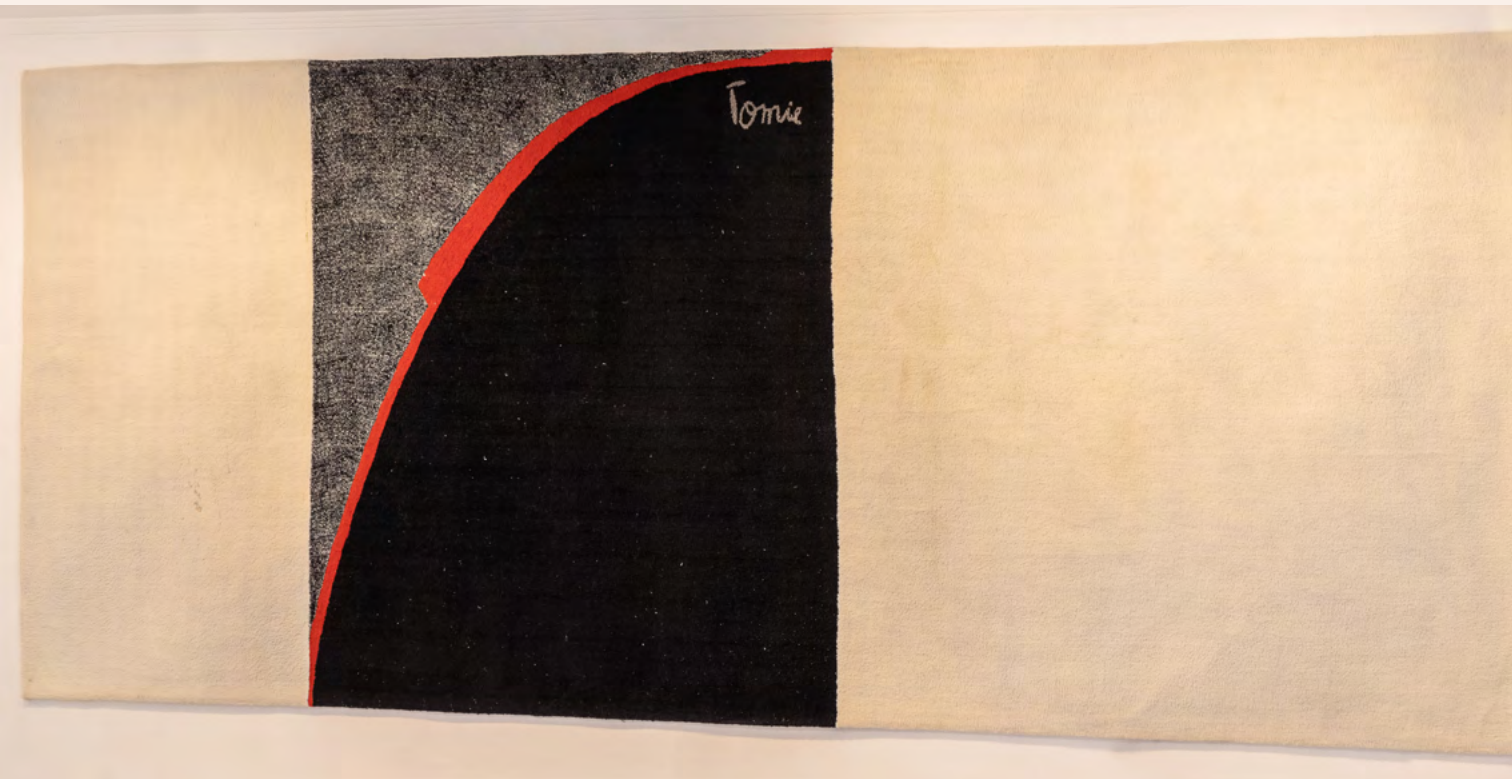
ALEXANDRE HEBERTE

Tecelão-performer, Alexandre Heberte desenvolve uma ampla pesquisa sobre o corpo e o tecido, tanto como artista quanto como professor. Nascido no Juazeiro do Norte, no Ceará, em 1973, sempre esteve próximo às tramas e a grande variedade de estilos e texturas que se pode trabalhar dentro deste gênero. Com grande desenvoltura, utiliza desde linho a fitas VHS para compor obras que se transformam em esculturas e que protagonizam suas performances. A tridimensionalidade de suas tapeçarias, assim como as diferentes formas de exibi-la, as tornam extremamente reconhecíveis e autorais. Atualmente está trabalhando também em sua tese de mestrado sobre o corpo tecelão: experiência, linguagem e processo, na UERJ, no Rio.



REGINA GOMIDE-GRAZ

Pintora e decoradora, Regina Gomide-Graz (1897 -1973) estudou entre 1913 e 1920 na Escola de Belas Artes e de Artes Decorativas de Genebra, na Suíça, ao lado do irmão Antonio Gomide (1895 - 1967) e de John Graz (1891 - 1980), seu futuro marido. Com o sucesso da Exposição de Artes Decorativas de Paris, em 1925, o art déco ganhava enorme repercussão no mundo – e em São Paulo seus primeiros representantes foram justamente esses três artistas. Regina confeccionou tapetes, tapeçarias, cúpulas de abajur, almofadas e colchas, utilizando-se de padrões desenhados por ela mesma ou por John Graz. Mostrou na arte do tecer toda a versatilidade que a técnica permite, criando uma produção autoral e vigorosa.



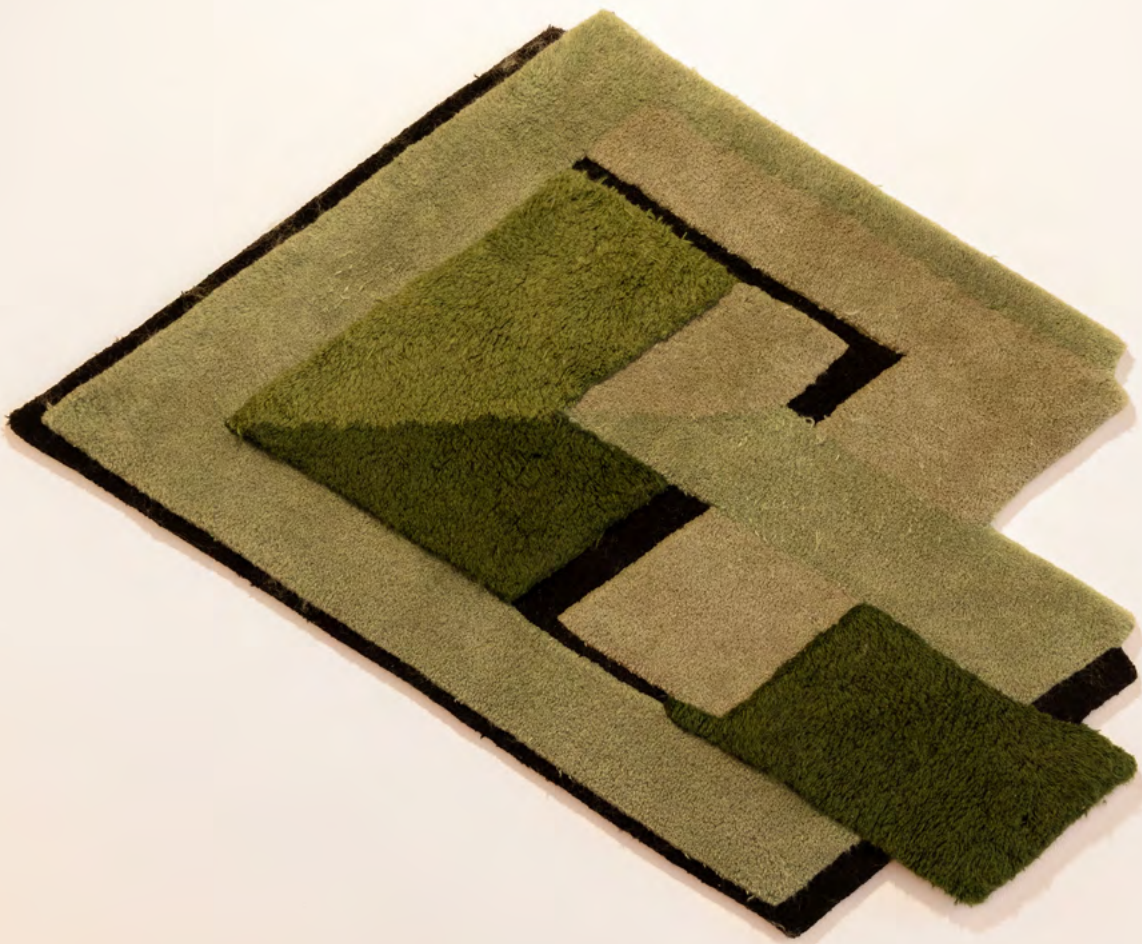
TOMIE OHTAKE

Uma das mais emblemáticas artistas contemporâneas do século XX, Tomie nasceu em Kyoto, no Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil aos 17 anos, país que escolheu viver até a morte, em 2015. Aqui, criou seus dois filhos e com quase 40 anos começou a pintar incentivada pelo artista japonês Keiya Sugano. Em sua extensa trajetória participou de 20 bienais internacionais, mais de 120 exposições individuais e quase quatro centenas de coletivas, entre Brasil e exterior, além de 28 prêmios. Marcam ainda sua produção as mais de 30 obras públicas desenhadas na paisagem de várias cidades brasileiras, entre elas no Memorial da América Latina, obra do arquiteto Oscar Niemeyer, em 1990. O auditório abriga até hoje uma tapeçaria de autoria da artista com aproximadamente 800 metros quadrados.



PAOLA MÜLLER E MICHELL LOTT

A dupla criativa apresenta na exposição *Oriente-Occidente: História do Tecer*, da Galeria de Arte André, sua primeira colaboração tapeceira, chamada Jiboia. A série une a inventividade do diretor criativo e cenógrafo com a originalidade e expertise de Paola Muller, artista têxtil com boa experiência no ramo. A paulistana trabalhou por duas décadas no mercado da moda, desenvolvendo peças de tricô para grandes marcas. Hoje apresenta seu ponto autoral em uma diversificada linha home. A coleção mostra a desenvoltura do duo para criar tramas ainda inéditas no mercado.



JULIANA VASCONCELLOS

A obra da mineira, nascida em 1980, é conhecida por sua elegância. Formada em arquitetura, Juliana Vasconcellos atua como designer de interiores, produzindo mobiliário e tapeçarias. A artista prioriza materiais naturais e inspira-se no modernismo brasileiros, mas também nos clássicos europeus, como o art déco. Amante das texturas e da geometria, cria recortes e sobreposições de cores interessantes para o têxtil. Considerada um dos expoentes de sua geração, ela colabora com artesãos para a construção de suas obras, incorporando a prática manual ao objeto.



JEAN GILLON

O artista e arquiteto nascido na Romênia e radicado no Brasil marcou profundamente a história do design e da tapeçaria brasileira. Jean Gillon (1919-2007) aprendeu a arte de criar tais tramas em uma de suas longas estadias em Paris, na ânsia de vestir as próprias casas que desenhava como arquiteto. Sua obra têxtil traz um equilíbrio magnífico de cores e passeia entre produções figurativas a abstratas. A participação ativa em eventos relevantes da tapeçaria brasileira fez com que sua produção chegasse a ser exposta em importantes instituições do país, como MASP e MAM de São Paulo.



IBERÊ CAMARGO

Um dos grandes nomes da arte brasileira do século 20, Iberê (1914-1994) é autor de uma obra extensa, que inclui milhares de pinturas, desenhos, guaches e gravuras, mas pouquíssimas tapeçarias. As cerca de 10 peças produzidas em cartões e transformadas em tramas pela tecelã Maria Angela Magalhães tornaram-se impactantes obras do artista, pouco vistas, no entanto, pelo público. A trama segue a linguagem tão característica de Iberê, repleta de abstração e com seus icônicos carretéis presentes de forma sutil – brinquedos da infância do artista que ele retratou em inúmeros suportes desde os anos 50 até o fim da vida.



Tabriz Royal – Irā, 203 × 206 cm

Tabriz Nahi – Irā, 206 × 205 cm





Organização

Mario Gioia

Curadoria

Ana Carolina Ralston

Coordenação

Juliana Blau

Octávio Guastini

Apoio

Ed Grossi

Hideraldo Lacerda

Fotos

Alan Teixeira

Projeto gráfico

Fonte Design

Impressão

Leograf

Assessoria de imprensa

Renata Megale

Agradecimentos

Abram e Bela Berland

Coleção Ivani e Jorge Yunes

Coleção Luigi e Francesca Cosenza



GALERIA DE ARTE ANDRÉ

60 ANOS DE ARTE & CULTURA

R. Estados Unidos, 2280, São Paulo

Segunda a sexta 9h às 19h, sábados 10h às 14h

www.galeriandre.com.br

Instagram [@galeria_andre](https://www.instagram.com/galeria_andre)

WhatsApp [55 11 30819697](tel:551130819697)

